

# TESSITURAS DA MEMÓRIA E DO LUGAR EM JOSUÉ MONTELLO: A RECONSTITUIÇÃO DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA EM “O MONSTRO”

## *TESSITURES OF MEMORY AND PLACE IN JOSUÉ MONTELLO: THE RECONSTITUTION OF THE EMPIRE AND THE REPUBLIC IN “O MONSTRO”*

Gabriel Vidinha Corrêa  
IFBaiano/UNEB

Márcia Manir Miguel Feitosa  
UFMA/CNPq

**Resumo:** Objetivamos uma análise do conto “O monstro” presente em *Um rosto de menina* (1983), do escritor maranhense Josué Montello, à luz da percepção do espaço e da memória. O conto narra a história de Jerônimo, um baiano que vive no Rio de Janeiro e que reconstrói, pela memória, o período imperial do Brasil e o materializa em seu lar e em suas ações. No entanto, sua vida é tensionada quando da chegada da mãe Dona Angélica, que desconstrói todo o seu imaginário acerca das convicções imperiais. Daremos enfoque aos momentos de evocação da memória e figuração do lugar a partir das ações desses dois personagens, elegendo como escopo teórico os trabalhos de Halbwachs (2004; 2006), Pollak (1992), Tuan (2012; 2013), Relph (2014) e Bachelard (2008).

**Palavras-chave:** Espaço. Lugar. Memória. Josué Montello. “O monstro”.

**Abstract:** *We aim at an analysis of the short story “O monstro” present in Um rosto de menina (1983), by maranhense writer Josué Montello, in the light of the perception of space and memory. The narrative tells the story of Jerônimo, a Babian who lives in Rio de Janeiro and who reconstructs, by memory, the imperial period of Brazil and materializing it in his home and in his actions. However, his life is strained when his mother Dona Angélica, which deconstructs his entire imaginary about imperial convictions. We will focus on the moments of evoking memory and figuration of the place from the actions of these two characters, choosing as theoretical scope, the works of Halbwachs (2004; 2006), Pollak (1992), Tuan (2012; 2013), Relph (2014) and Bachelard (2008).*

**Keywords:** *Space; Place; Memory; Josué Montello; “O monstro”.*

## 1 – INTRODUÇÃO

*Nunca se sabe o que uma viagem pode trazer ao íntimo do coração. Como se o tempo de repente dum outro modo fluísse, ou mesmo a qualidade da sua hora mudasse, e uma coisa perdida aparecesse, uma dúvida se quebra, um amor acaba, e outro que nunca se tinha imaginado, de repente, nasce.* (Lídia Jorge — “A instrumentalina”)

Josué Montello, um dos maiores escritores da literatura moderna brasileira e consagrado por representar de forma excepcional o Maranhão e suas múltiplas faces culturais, geográficas, históricas e literárias, soube conquistar o seu lugar no cânone. Na maioria de suas obras, são retratados ficcionalmente um povo, um estado e um lugar que tanto lhe conferiram amor. Dentre os vários romances, Montello publicou *Janelas fechadas* (1941), *Cais da sagração* (1971), *Os tambores de São Luís* (1975) e *Noite sobre Alcântara* (1978), obras que trazem figurações de lugares, espaços e paisagens, tornando singular o seu modo de escrever.

Sobre as características das obras de Josué Montello, Agda Zanela, em *A epopéia maranhense de Josué Montello: desvendando a poética montelliana em quatro romances* (2009), defende que o autor não seguiu a estética modernista predominante da Geração de 45, tendo estado fora, portanto, de uma estética regionalista que se seguia na escritura dos demais autores do Nordeste: “Montello se fixa no humano, no ser em si, compreendido como interiorização das relações políticas, e é por meio dele que se interpreta o mundo social” (ZANELA, 2009, p. 18). Semelhante observação configura-se importante para a análise da obra em tela.

Outra ponderação acerca da literatura montelliana é a versatilidade com que compõe suas narrativas, cujas realidades são dadas de múltiplas formas, com vistas a desvelar a natureza do homem, das coisas e dos lugares em que habita. Sobre essa questão Dinacy Corrêa, ao lançar um olhar sobre as faces da literatura maranhense em que se inscreve também Montello, situa-a “[...] num contexto de virtualidades e plurivalências, com significativas incursões no panorama que reveste: origens e raízes, história, processo formativo, influxos e reflexos, folclore, tradições” e, ainda, “flagra e detém visões de mundo, ideologias, sempre pronta a refletir os matizes do imaginário (individual e/ou coletivo)” (CORRÊA, 2015, p. 19).

No contexto mais próximo do nosso enfoque, Thalita Lucena e Silvana Pantoja dos Santos, a propósito da análise de *Um beiral para bentevis* (1989), destacam algumas observações importantes sobre a obra de Montello:

A representatividade dos espaços citadinos na obra Montelliana, além de apresentarem ao leitor um conhecimento topográfico de antigas ruas, largos, casarões, praças, monumentos, trazem a sensação de que o tempo não passou para a cidade. As múltiplas correlações dos lugares são perpassadas por um quadro de posicionamentos que vertem para a identidade, a partir de colocações geográficas, históricas e sociais. Esse leque faz apreender experiências e vivências que se manifestam por meio da memória (LUCENA; SANTOS, 2015, p. 17).

Percebemos, portanto, que, em linhas gerais, as narrativas de Montello manejam com maestria temporalidades, haja vista que o passado e o presente estão sempre em destaque para a compreensão das experiências dos personagens. Assim, “pelo artifício da memória, sua produção literária envereda pela história, pelas tradições, pelos costumes, pela identidade do Maranhão, estampada na fusão entre o mítico, o histórico e o ficcional”<sup>1</sup>.

Nossa análise se circunscreve ao livro de novelas e contos intitulado *Um rosto de menina* (1983), mais especificamente ao conto “O monstro”, que narra a história de um baiano chamado Jerônimo, aspirante a monarca, que constrói sua vida solitária no Rio de Janeiro sob o imaginário do período imperial brasileiro: casa, móveis, objetos, costumes, ideais. No entanto, sua suposta vida monárquica é tensionada quando da chegada da mãe Angélica, ignorada por Jerônimo e que chega ao Rio de Janeiro para coabitar o mesmo apartamento. Suas ações promovem a subversão do imaginário construído pelo filho, sobretudo, no que diz respeito aos fenômenos do espaço e da memória, e que traz à baila ideais republicanos em oposição aos monárquicos.

Como escopo teórico de abordagem, além dos estudos que respaldam o fenômeno da memória, sustentaremos nossa análise nos pressupostos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, um dos ramos da ciência geográfica que se debruça sobre o estudo das relações afetivas que os homens estabelecem com o lugar. Assim, será dado enfoque às categorias “Espaço”, “Lugar”, “Lar”, “Espaciosidade”, “Apinhamento”, “Lugaridade”, “Memória Seletiva” e “Memória Coletiva”. Para tanto, serão de fundamental importância as contribuições de Tuan (2012; 2013), Relph (2015), Bachelard (2008), Halbwachs (2004; 2006) e Pollak (1992).

## **2 – UM OLHAR SOBRE A MEMÓRIA E O LUGAR EM “O MONSTRO”: QUANDO O IMPÉRIO E A REPÚBLICA SE RECONSTITUEM**

O conto “O monstro” nos apresenta a história, narrada em terceira pessoa, do baiano Jerônimo que há quase trinta anos vive solitariamente, em grande parte do tempo, no Rio de Janeiro. Entretanto, a maior característica que tipifica sua vida é a apologia que esse personagem faz ao período imperial, momento em que o Brasil esteve sob domínio da família real portuguesa. Assim, não podendo viver em uma casa nos moldes do Império, Jerônimo compra um apartamento e forma seu próprio império, de modo a evocar a monarquia em todos os detalhes do apartamento: móveis, retratos na parede e, para além disso, os costumes que também passaram a fazer parte de sua vida. No entanto, a relativa harmonia de seus dias é rompida com o recebimento das cartas de sua mãe que morava na Bahia, culminando com a última delas em que declara a mudança para o apartamento do filho. Dona Angélica coloca em xeque muitas representações geradas por Jerônimo, figurando em novas formas de ver o lugar e a memória.

A tessitura textual dessa narrativa dialoga intimamente com *A poética do espaço*, de Gaston

---

1. Fragmento do texto “São Luís do Maranhão sob a lente de Josué Montello: lugar, exílio, memória”, escrito por Márcia Manir Miguel Feitosa e Vanessa Soeiro Carneiro, publicado na plataforma digital *Páginas Luso-Brasileiras em Movimento*, projeto do Real Gabinete Português de Leitura, coordenado pela Profa. Dra. Ida Alves (UFF), <http://www.paginasmovimento.com.br/index.html>.

Bachelard (2008) no tocante à experiência do personagem quando da expressão da casa, isso porque a imagem da casa, enquanto um fenômeno do ser íntimo, reverbera em ressonâncias e repercussões sensíveis ao destino humano. Segundo o filósofo, “As ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo, a repercussão nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência” (BACHELARD, 2008, p. 7). Além disso “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 2008, p. 36), questões que sempre serão trazidas à tona por meio do imaginário do personagem em função dos seus ideais imperialistas que se materializam em uma paisagem passadista e ideal e, simultaneamente, em constante tensão pelo fato de a mãe discordar de sua concepção.

Nesse conto e por extensão em todo o livro *Um rosto de menina*, a presença marcante de testemunhos, lembranças, lugares, traumas e demais fenômenos sugere ligação direta com os pressupostos da memória e do lugar. Os personagens Angélica e Jerônimo manifestam aquilo que Halbwachs (2004) apresenta sobre os quadros sociais da memória, ou seja, por meio da linguagem, espaço e instituições, estamos sempre ativando nossas memórias a partir da memória do grupo. Em relação ao conto “O monstro”, os personagens percebem o mundo segundo seu próprio ponto de vista: Angélica tende a animar sempre a memória da República, enquanto Jerônimo experiencia a memória do Império: “A memória individual não é mais que uma parte e um aspecto da memória do grupo” (HALBWACHS, 2004, p. 174, tradução nossa). Logo, mesmo estando em espaços e tempos diferentes, os personagens ativam percepções que se tornam importantes para a caracterização de suas subjetividades.

Nas páginas iniciais da narrativa, percebemos como Jerônimo descreve o bairro e a paisagem que tanto admira no Rio de Janeiro. Entretanto, devido à escassez dos seus recursos, as casas do século XIX povoam apenas sua imaginação: “De todos os bairros da cidade, era aquele que menos se modificou com o tempo. [...] tinha imponência dos casarões antigos, com três andares espaçosos, a fachada manuelina, e os dois lampiões laterais de ferro batido no portal” (MONTELLO, 1983, p. 230). Há uma tendência passadista nos ideais do personagem, característica que fica mais clara quando ele evoca a monarquia: “— Há de chegar a hora — dizia, convictamente [...] em que o Exército subirá a Petrópolis para entregar o governo à família imperial, e não vai tardar!” (MONTELLO, 1983, p. 232).

Espaço e tempo são convocados desde o início a fazerem parte da experiência do personagem, considerando, especialmente, que “o sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência” (TUAN, 2013, p. 19). A evocação da memória é um fator essencial na representação do lugar para o personagem. Uma vez que lugar implica segurança e relações afetivas (TUAN, 2013), a memória funciona como lugar que, a partir da experiência, passa a adentrar e a reorganizar o espaço físico da casa do “monarca”.

É interessante constatar que há uma dinâmica temporal na expressão da casa por meio de Jerônimo, aquilo que na perspectiva bachelardiana chamaremos de espaços amados (topofilia<sup>2</sup>).

---

2. O geógrafo humanista sino-americano Yi-Fu Tuan, baseado na topoanálise de Gaston Bachelard, amplia a discussão

Por meio da intersubjetividade, se manifestam e acompanham a existência no decorrer da vida, formando uma topografia do ser íntimo: “os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que se transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças” (BACHELARD, 2008, p. 68); ocorrência que traduz com maestria a construção, sobretudo, simbólica do “monarca” em relação ao seu império pessoal.

O tempo passado e a restauração da monarquia, como vimos, fazem parte dos sonhos de Jerônimo, fato que se explica a partir das predicções de Pollak (1992) a propósito dos eventos vividos por “tabela”, aqueles que não experienciamos, mas que fazem parte do imaginário e da experiência da memória coletiva. A monarquia, portanto, é trazida à tona pelo imaginário e pelas relações afetivas de Jerônimo, o que reverbera, ainda, na expressão do lugar, pois “entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (DARDEL, 2015, p. 6).

A casa (apartamento) reflete em muito as convicções do personagem, tendo em vista que ela, segundo Bachelard (2008), integra as forças e os sonhos dos homens: “Aos poucos, sem pressa, graduando as compras pela magra bolsa, mobiliou os três aposentos à feição de seus devaneios” (MONTELLLO, 1983, p. 231). Assim, foi consolidando seus desejos com a frequência constante a leilões e antiquários, com o intuito de adquirir objetos e obras de arte que se reportassem diretamente ao período imperial.

Compartilhava, ainda, boas experiências com os colegas de trabalho na Diretoria da Despesa Pública, porém, em casa, só recebia uma amante, viúva, que se passava por sua irmã. Depreendemos, até aqui, que as memórias do grupo — imaginário coletivo — são animadas por tudo o que cerca Jerônimo, seja pela casa, os objetos, o relacionamento secreto. Mesmo sozinho, as memórias são revisitadas, pois, como pontua Halbwachs (2006), a memória não é uma tábua rasa, está localizada no tempo e no espaço e vem à luz pelo testemunho do outro: pessoas, objetos, eventos, que contribuem para o desenvolvimento de um espírito topofílico que liga Jerônimo à casa.

Algo interessante acontece nos momentos que se seguem. Na perspectiva de Pollak (1992, p. 2), a noção de memória subjaz, antes, nas “percepções da realidade, do que à facticidade positivista subjacente a tais percepções”. A personagem Dona Angélica chega ao Rio de Janeiro e expressa outras convicções que vão de encontro às do filho.

Enquanto representante da monarquia, Jerônimo se incomoda com a possibilidade da vinda da mãe para dividir sua morada. Suas inquietações são confirmadas quando Dona Angélica, na ausência de recursos solicitados ao filho, vende todos os bens na Bahia para comprar a passagem com destino ao Rio de Janeiro. Ela chega, portanto, de surpresa na casa de Jerônimo, aplicá-lhe

---

da Topofilia em seu livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012, p. 135, grifo do autor), vertendo a ciência geográfica de um valor fenomenológico. Para ele: “A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes se diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e meio de se ganhar a vida”.

um sermão por tê-la abandonado no Nordeste e de imediato começa a questionar a aparência do filho e da casa, reivindicando um lugar digno para seus aposentos: “E em que quarto pretendes me instalar? Por favor, não me ponhas no fundo da casa, que eu tenho horror a viver escondida. *Quero ar e luz*”. (MONTELLO, 1983, p. 240, grifo nosso). É instigante, pois, o papel que Dona Angélica representará na narrativa, uma vez que deseja Ar e Luz, o que figura liberdade. Sua chegada simboliza as reivindicações de lugar, haja vista que as primeiras ações da personagem perturbam o filho com o intento de se apropriar de um lugar para si.

A mãe questiona ainda: “— De onde vem esta mania de só ter coisas velhas? De mim, não foi. Tenho horror a velharias e cacarecos. [...] Com o tempo — advertiu, franzindo enojadamente o nariz — vamos dar um jeito nisto. Para palácio, pode ser muito bonito, com tantos cacarecos, mas não para se morar” (MONTELLO, 1983, p. 240). Tudo fica mais conflitante quando Dona Angélica começa a vender os móveis de Jerônimo, símbolos caros ao filho: “D. Angélica, ao apontar da tarde, na ausência do filho, chamou o primeiro antiquário que encontrou na lista telefônica, e fez a Jerônimo, de volta do trabalho, uma terrível surpresa: no lugar da marquesa de palhinha, um sofá-cama de pau e marfim exibia o mau gosto de seu couro escarlate” (MONTELLO, 1983, p. 242).

É digno observar que, segundo Tuan (2013), objetos e suas disposições no ambiente configuram formas de valor a quem experiencia a casa. Dona Angélica, no entanto, não nutre sentimentos por aquele lugar cuja organização está toda a cargo do filho e não se acanha em menosprezar os móveis da casa. Na passagem a seguir, ela dá indícios da repulsa pelos móveis e revela que não irá sucumbir às experiências de Jerônimo:

— Tu vais dormir nesse sofá, criatura? Então tu não sabes que é aí que se deita defunto, lá na Bahia? Não, tem paciência: não me venhas com esse mau agoiro. Amanhã, manda esse sofá embora; o que fica bem aí é um sofá-cama, desses modernos, que se abre de noite e fecha de dia. Se não quiseres fazer a despesa, faça-o eu, pagando em prestações, com a mesada que naturalmente hás de me dar. Mesada, aliás, fica lá sabendo, que não será favor algum, porque vou tomar conta da casa (MONTELLO, 1983, p. 140).

Várias críticas são tecidas nesse momento, a começar pelo sofá que Dona Angélica associa à morte e indica caminhos para a modernização do lugar a partir da aquisição de novos móveis. Há uma clara contradição na configuração dessa personagem, pois, apesar de idosa, não se afeiçoa às coisas antigas, considerando-as retrógradas. Reforça que a casa estará sob sua tutela, o que subjaz mais liberdade em relação às atitudes impositivas do filho.

Assim, reconhecer por imagens “é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos” (HALBWACHS, 2006, p. 55), o que sustenta, portanto, o significado monárquico que lhes é atribuído por Jerônimo, não possuindo o mesmo valor, entretanto, para a mãe.

Jerônimo sente-se altamente incomodado em função das demais mudanças que a mãe impôs à casa e, por conseguinte, à sua vida. Sente, inclusive, um mal-estar que encarna no corpo:

“A noite de insônia no sofá de palhinha deixara-lhe um gosto de fel na boca, rugas mais fundas e uma palidez amarelada de convalescente, além de ardor nos olhos e dores no corpo, que lhe tiravam a disposição para o trabalho” (MONTELLO, 1983, p. 241). “Os espaços do homem”, argumenta Tuan (2013, p. 26), “refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade”. Deste modo, a mãe, enquanto representação da República, incomoda, verdadeiramente, as aspirações de Jerônimo em todos os âmbitos.

Em meio a tal conflito, tornam-se mais evidentes as experiências de apinhamento que, para Tuan (2013, p. 78), envolvem vários aspectos explicitados na passagem abaixo:

A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença dos outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área. [...] A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça à liberdade. Por outro lado, à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto – apinhamento.

Essas marcas são projetadas quando: “Muito cedo, agora, saía à rua. E só voltava tarde da noite, ralado de desgosto, arrastando os passos no aclave da ladeira. Adeus, noites calmas de inverno” (MONTELLO, 1983, p. 244). Seu império começa a decair, pois Dona Angélica faz jus ao conceito da “coisa pública”, vide as narrativas falsas que o filho havia contado sobre a vizinhança e que foram descobertas quando da tentativa da mãe de criar vínculos com seu entorno. Para além de quebrar com essa ideologia, Dona Angélica também convida os vizinhos a frequentarem a casa, o que potencializa as experiências de apinhamento manifestadas por Jerônimo:

— Já sei que estás pegando fogo porque encontraste visita em casa — acudiu D. Angélica, ao vê-lo passar calado, cabeça baixa. — Querias que eu vivesse trancada aqui, a conversar com as paredes, enquanto passas o dia na cidade, gozando as delícias da rua? Posso saber que crime cometi, para permanecer incomunicável nesta prisão? Pois fica sabendo que a condenada reconquistou a liberdade! Acabou-se o cativo, Jerônimo! Não me fazes mais de boba. Tudo quanto me disseste dos nossos vizinhos é mentira. A D. Lola, aqui do lado, não é a megera que me pintaste. Nem a D. Binoca, do segundo andar, é amigada com o Major; são casados, bem casados, Jerônimo. Quem te meteu na cabeça que o velho Lobão tem um crime de morte nas costas? E como foi que soubeste que a Alzirinha, do terceiro andar, não é flor que se cheire? Tudo mentira, Jerônimo! E mentira saída de tua cabeça, para eu não me dar com ninguém aqui do edifício! [...] A mim não enganas, Jerônimo. Hoje, tirei tudo a limpo (MONTELLO, 1983, p. 245).

Verificamos, pois, que a visão de Dona Angélica é totalmente diversa da do filho, o que lhe possibilita vivenciar a espaciosidade, isto é, a liberdade de agir sobre o espaço (TUAN, 2012).

Segundo ela: “O ambiente ficou outro. [...] Mais alegre. Mais vivo. Agora, sim, dá gosto de ficar aqui” (MONTELLO, 1983, p. 242). Jerônimo, em contrapartida, fica “cada vez mais estrangeiro na sua casa, ganhava a rua ao apontar do dia, para só voltar à noite, cabisbaixo, em silêncio, entediado da vida” (MONTELLO, 1983, p. 248). Os laços topofílicos que ligavam Jerônimo ao lar são enfraquecidos na medida em que a mãe desconstrói o seu império, pois “objetos e lugares são núcleos de valor” (TUAN, 2013, p. 28) e a perda do sentido de lugar, com todas as experiências de apinhamento e outras derivadas, faz com que a casa se torne um lugar-sem-lugaridade<sup>3</sup> (RELPH, 2014), uma vez que o filho se vê privado de estabelecer o vínculo visceral com a casa depois da chegada da mãe.

Em função das mudanças consolidadas por Dona Angélica, a continuidade da memória imperial do lugar é envelhecida, pois as imagens afetivas que formam o imaginário da personagem colocam em conflito tudo o que o filho construiu. Essas observações são mais bem compreendidas a partir das colocações de Pollak (1992) quando a memória aborda um caráter seletivo e de valores disputados, o que acontece com frequência nas passagens do conto: o Império e a República disputam o espaço de conflito.

Caminhando para os acontecimentos finais da narrativa, Jerônimo, ao retornar para casa, percebe uma aglomeração na residência, e aquilo que talvez pudesse vir a ser um alívio acontece: a morte de Dona Angélica. Vale destacar que seu falecimento se dá no sofá da casa (“onde se deitava defunto”), o mesmo objeto que desde o início mais causava repulsa pelo fato de remontar à monarquia. Procurado insistentemente pelos vizinhos, Jerônimo, quando chega a casa, agiliza os trâmites do velório: “Na verdade, porém, tinha voltado ao domínio de si mesmo, [...] senhor de seus atos e de sua casa” (MONTELLO, 1983, p. 252).

Após esse acontecimento, a paisagem imperial da casa volta a se reconstituir, assim como a autoestima de Jerônimo. O personagem convida a amante novamente para comemorar sua libertação ao som alto da vitrola. Entretanto, essa sensação de liberdade entra em colapso quando os vizinhos se dispõem a reclamar de seu comportamento: “— O senhor tem coragem de ouvir música no dia do enterro de sua mãe? Só mesmo não tendo um pingote de sentimento! D. Angélica é que tinha razão: o senhor é mesmo um monstro” (MONTELLO, 1983, p. 254).

Nas linhas finais, portanto, ao leitor é dado conhecer a real motivação do título atribuído ao conto por Josué Montello, desfazendo a possível interpretação que associava a figura do “monstro” à mãe do protagonista. A paz que parecia ter sido reestabelecida, de fato, não o foi, uma vez que os ideais cultivados por Dona Angélica já haviam se instaurado com o firme propósito de incomodar e levar à derrocada as últimas representações do Império.

Dignos de destaque são os significados dos nomes dos personagens, pois condizem com os seus comportamentos ao longo da narrativa. Para o *Dicionário de Nomes Próprios* (2019), Jerônimo significa nome sagrado, simbologia muito conveniente no contexto da narrativa, haja vista que ele sacraliza sua vida às coisas materiais e simbólicas do império. Angélica, no entanto, significa pura

3. Para Edward Relph (2014), os lugares possuem identidades e congregam qualidades que são experienciadas pelo homem, tornando possível a criação de vínculo por meio da reunião. Quando há fragilidades no lugar gerando a impossibilidade de reunir ou congregar, emerge o que Relph conceitua de lugar-sem-lugaridade.



como um anjo; significado potencializado pelo sobrenome Nogueira, árvore de madeira nobre. A pureza se enraíza no tempo e no espaço. Assim, a morte de Dona Angélica não se manifestou apenas na forma física, pois o simbólico resistiu e vive nas ações dos demais personagens, haja vista que “na realidade, existem muitas memórias coletivas”. (HALBWACHS, 2006, p. 105) que estão sempre sendo animadas pelas experiências dos grupos.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Josué Montello, em “O monstro”, dinamiza as relações que existem entre literatura, espaço e memória, a julgar pelos personagens Angélica e Jerônimo que figuram a essência dessas categorias a partir de suas ações ao longo do texto. Evocações do passado imperial e da emergência da República refletem a grande alegoria arquitetada pelo autor no tocante aos objetos e lugares, tendo a casa como palco das ações mais importantes na vida dos personagens, isso porque, segundo Bachelard (2008, p. 26), “Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma”.

Percebemos que os fenômenos ficcionalizados no conto se coadunam com as manifestações da memória e do lugar enquanto categorias da experiência humana, uma vez que ambos os personagens vivenciam memórias e lugares a seu modo: Jerônimo, preso ao imaginário do século XIX; Angélica, tentando novas formas de vida que suscitam o futuro.

Rastros da memória em raízes do lugar costuram a obra do início ao fim. Montello, com maestria, alegoriza as ideias do Império e a formação da República, acabando por descortinar o poder da literatura de recriar mundos sob várias materialidades: um “simples” apartamento espelha o Império português no Brasil. Uma mãe, aparentemente possessiva e dominadora, reveste-se do impulso necessário para afastar o monstro monárquico e impor a liberdade advinda com a chegada da República.

### REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CORRÊA, Dinacy. *Da literatura maranhense: o romance do século XX*. São Luís: EDUEMA, 2015.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS, 2019. Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

FEITOSA Márcia Manir Miguel; CARNEIRO Vanessa Soeiro. *São Luís do Maranhão sob a lente de*

*Josué Montello*: lugar, exílio, memória. Disponível em <http://www.paginasmovimento.com.br/index.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LUCENA, Thalita de Sousa; SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. Arquitetura do espaço na teia literária de *Um beiral para bentevis*, de Josué Montello. In: SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos; CAVALCANTE, José Dino; SOUZA, Jeane. *Josué Montello: entre memória, ficção e cultura*. São Luís: EDUEMA, 2018.

MONTELLO, Josué. O monstro. In: MONTELLO, Josué. *Um rosto de menina*. São Paulo: Difel, 1983.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (orgs.). *Qual o espaço do lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

ZANELA, Agda Adriana. *A epopéia maranhense de Josué Montello: desvendando a poética montelliana em quatro romances*. Tese de doutorado (Estudos Literários), São Paulo: UNESP, 2009.

**Gabriel Vidinha Corrêa**

---

Professor do Instituto Federal Baiano — IF Baiano. Doutorando em Crítica Cultural (UNEB), Mestre em Cultura e Sociedade (UFMA), com graduação em Letras-Libras (UFMA). Integrante do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura — Geplit/UFMA e do Grupo de Estudos em Língua(gem) e Crítica Cultural – UNEB.

**Márcia Manir Miguel Feitosa**

---

Professora titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutora e

Mestre em Literatura Portuguesa (USP). Pós-Doutorado em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras (PGLetras) e em Cultura e Sociedade (PGCult) da UFMA. Bolsista de Produtividade do CNPq – nível 1D. Líder do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura — GEPLIT.

*Recebido em 10/01/2022.*

*Aceito em 15/03/2022.*